

Da interdependência à fraternidade

Por: Marcello Riella Benites

Nos feriados do dia da independência nacional, muitos países se orgulham especialmente das lutas que os libertaram - e que nunca perderam nem perderão seu valor. Entretanto, o modelo geopolítico da independência dos Estados-nação, como meio de garantir liberdade e segurança, está ultrapassado. É o que afirma Marco Fatuzzo, atual presidente do Movimento Político pela Unidade (MPPU), cujo objetivo é transformar a fraternidade em categoria e práxis política. Juntamente com renomados observa-dores do cenário político internacional, Fatuzzo compartilha a ideia de que o mundo chegou à era da interdependência e da integração.

O MPPU e outras entidades internacionais são organiza-dores das Jornadas da Interdependência, que se realizam desde 2003 e que têm como escopo principal, justamente analisar as principais problemáticas enfrentadas hoje pela comunidade internacional a partir da interdependência. A edição da Jornada deste ano aconteceu no mês de outubro, em Roma e, como representante do Brasil, contou com a presença do deputado federal Luiz Carlos Haully (PSDB-PR).

Cidade Nova conversou com Fatuzzo sobre a questão da interdependência, que se impõe no mundo glo-balizado em que estamos e que se apresenta como potencialidade de esperança para paz, mas que tem também seu lado perverso.

Cidade Nova: *Como falar de interdependência num contexto de relações internacionais marcadas pela desconfiança e pela competitividade?*

Marco Fatuzzo: Para responder a essa pergunta, é preciso fazer uma premissa: a interdependência é uma realidade objetiva. A interdependência não é uma utopia, uma aspiração. Ela é a condição global na qual hoje cada um de nós como indivíduo e como grupo vive, trabalha, respira, come, pensa, odeia e ama. E essa premissa tem suas consequências. De um lado, confere ao paradigma da interdependência uma certa ambiguidade e também alguns aspectos obscuros. De outro, atribui à interdependência po-tencialidades e perspectivas de grande esperança para a humanidade.

Dou um exemplo muito simples. Todas as manhãs, quando nos levantamos, tomamos um bom café para começar o dia. É um ritual que se repete diariamente. Inconscientemente, estamos realizando um ritual, uma rotina de interdependência, porque, no meu caso, que vivo na Itália, o café não é produzido em nosso país, mas chega aos armários da minha cozinha depois de uma longa viagem que começou em regiões longínquas, talvez da Colômbia ou do Brasil. O grão de café, do momento em que foi colhido até a hora em que é servido na minha xícara, passou por muitas mãos.

Para entender a realidade da interdependência, para compreender as suas dinâmicas, contradições, e potencialidades, devemos interrogar-nos sobre que histórias se entrelaçam por trás dessas mãos que, em nível planetário, passam, de umas para as outras, bens de todo tipo que atravessam fronteiras e percorrem distâncias enormes. A história do trabalhador rural que cultiva o café ou a do empresário de uma multinacional são histórias distintas, marcadas por condições e motivações distintas.

O café, assim como os diamantes, as armas, as drogas e até mesmo as pessoas não viajam no vácuo, mas passam de mão em mão. Por trás de cada uma dessas mãos há uma história, uma condição, uma escolha ou uma imposição. Uma forma, portanto, de compreender o que é a interdependência hoje é colecionar e compreender tantas e tantas histórias de interdependência.

Mas só isso seria suficiente para termos consciência da interdependência entre todos?

Absolutamente não. É preciso, depois, ativar um percurso de responsabilidade recíproca. Trata-se de interpretar e estudar essas histórias, e de fazê-lo juntamente com os sujeitos dessas mesmas histórias, com os donos daquelas mãos de que falamos. Isso nos permitirá olhar ao mesmo tempo para a experiên-cia individual e para o contexto social nos quais a experiência de cada pessoa se insere.

Existem aldeias, por exemplo, em regiões muito pobres do mundo, onde não se pode chegar de automóvel ou mesmo onde a energia elétrica só é disponível durante alguns períodos do dia e as pessoas vivem com muita simplicidade de recursos materiais. Entretanto, também nessas aldeias, que parecem tão longínquas da modernidade, os sinais da interdependência podem ser visíveis. Dos tetos de palha, podem despontar antenas parabólicas. E em muitos lugarejos remotos pode haver acesso à internet.

Mas essa interdependência ainda não é suficiente para superar os graves problemas globais?

Existe uma interdependência que se alimenta de políticas e economias ilícitas. É a interdependência do crime e da exploração internacionais, muitas vezes ligadas às guerras e à pobreza. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), os recursos gerados pelo narcotráfico superam os 500 bilhões de dólares. E uma quantia equivalente é atribuída ao tráfico de armas, enquanto o tráfico de pessoas, somente na Tailândia, gira em torno de três bilhões e meio de dólares.

Qual a influência desses números, dessas economias clandestinas nos rumos das economias e das políticas oficiais? Então, um aspecto ambíguo e inquietante da interdependência hoje é justamente esta área cinza, onde legalidade e ilegalidade se misturam e onde suas fronteiras se confundem. E é essa interdependência negativa e perversa que se apresenta, muitas vezes, hoje, como geradora de ansiedade, medo e incerteza.

O que fazer para que a interdependência seja um processo positivo?

Para responder a essa pergunta não posso deixar de me referir a Chiara Lubich, fundadora do Movimento Político pela Unidade, uma especialista em perceber esses sinais, e que além disso acrescentou à reflexão sobre a interdependência um relevante adjetivo, cunhando a expressão "interdependência fraterna". Vivificada pela fraternidade, a interdependência, de simples "dado objetivo" ou "fato", pode tornar-se motor de processos positivos.

Concretamente, o que Chiara queria dizer com interdependência fraterna?

Tomo a liberdade de citar literalmente trechos de discursos de Chiara nos quais ela fundamenta com grande clareza a "interdependência fraterna". Em sua mensagem à primeira Jornada da Interdependência, na Filadélfia, Estados Unidos, em setembro de 2003, ela dizia: "É a fraternidade que pode dar hoje conteúdos novos à realidade da interdependência. É a fraternidade que pode fazer florescer projetos e ações no complexo tecido político, econômico, cultural e social do nosso mundo.

É a fraternidade que nos faz sair do isolamento e abre a porta do desenvolvimento aos povos que ainda estão excluídos dele. É a fraternidade que indica como resolver pacificamente os conflitos e que relega a guerra aos livros de história". E nesse ponto ela começa a falar dos sinais concretos dessa interdependência fraterna: "É pela fraternidade vivida que se pode sonhar e até mesmo ter esperança em alguma comunhão de bens entre países ricos e pobres, dado que o escandaloso desequilíbrio existente no mundo é uma das principais causas do terrorismo.

A profunda necessidade de paz que a humanidade manifesta indica que a fraternidade não é apenas um valor, não é apenas um método, mas um paradigma global de desenvolvimento político. Eis porque um mundo sempre mais interdependente precisa de políticos, de empreendedores, de intelectuais e de artistas que coloquem a fraternidade - instrumento de unidade - no centro do seu agir e do seu pensar".

O que cada indivíduo pode fazer para ajudar a transformar a interdependência em fraternidade?

Na segunda Jornada da Interdependência, realizada em 2004 em Roma, Chiara dizia: "A realidade da interdependência traz ao coração de muitas pessoas a urgência e a necessidade daqueles ideais pelos quais pessoas de boa vontade, espalhadas em todo o mundo, decidiram dar a própria vida: contribuir para realizar a fraternidade universal, pela qual se atua a unidade da família humana".

E ela afirmava ainda, na ocasião: "Interdependência significa relacionamento de conexão recíproca entre duas realidades que se condicionam mutuamente. Relacionamento que não se poderá atuar perfeitamente, entre indivíduos e entre Estados, se não for caracterizada pelo respeito recíproco, pela compreensão mútua, que nasce do fato de criar espaço em si, uns e outros, para as dificuldades, os problemas e as realidades dos outros, para a acolhida dos dons de cada um, que nasce, na prática, do amor mútuo como se vive entre irmãos".

Trata-se, então, de outra lógica para as relações internacionais?

Para Chiara, "a interdependência fraterna comporta, de fato, a escolha do diálogo em vez da hegemonia, o caminho da partilha em vez daquele da concentração dos recursos e dos saberes em uma só parte do mundo. A interdependência fraterna é realmente 'mútua dependência', porque implica que a afirmação da minha identidade não pode ocorrer nem por defesa, nem por oposição, mas se atinge por meio da comunhão: dos recursos, das virtudes cívicas, das características culturais, das experiências político-institucionais".

Desses discursos de Chiara, emerge com clareza que é a fraternidade, e não o 'choque de civilizações', a saída para o estado de terror, medo e ansiedade no qual vivemos. É a fraternidade, e não a guerra, sinônimo de segurança. É a fraternidade, como método e conteúdo das relações entre indivíduos, grupos, culturas e crenças, o ponto de partida e o horizonte para dar uma conotação positiva à realidade de interdependência na qual vivemos.

O continente latino-americano representa, no panorama geopolítico, um quadro paradigmático em múltiplos aspectos, inclusive o da interdependência. As diferenças e as peculiaridades que caracterizam os seus muitos Estados e diversificados povos, com suas histórias, suas riquezas e seus problemas, constituem um autêntico desafio na direção de uma harmonização e de uma convivência interdependente.

Nesse contexto, o Brasil, apesar de suas muitas regiões e suas inúmeras particularidades indelétricas, aparece, diante da comunidade internacional, marcado por um forte espírito nacional, o que me parece um exemplo emblemático de interdependência.

Como nasceram as Jornadas da Interdependência?

Benjamin Barber, cientista político estadunidense, autor dos livros *Jihad Vs McWorld* (Guerra Santa contra Mc-Mundo, numa tradução livre; Ballantine Books) e *O Império do Medo* (Record), foi o inspi-rador das Jornadas da Interdependência. Há algumas décadas, ele já se ocupa com paixão dos temas da democracia e da participação política. Já na primeira Jornada, Chiara Lubich, como já dissemos, teve importante participação.

O Movimento Político pela Unidade, depois do impulso dado por Chiara, acolheu a parceria com as Jornadas como uma herança de sua fundadora, fazendo-se promotor, junto a outros parceiros, das Jornadas da Interdependência realizadas na Itália, que se colocaram ao lado das internacionais levadas à frente por Barber.

Foram assim realizadas uma edição em 2006, com o tema "Nós e o Islam", e outra em 2007, sobre a relação entre Europa e China, ambas em Sena, na Itália. Em 2008, as Jornadas se realizaram em Florença e abordaram o tema "Conhecida, desconhecidíssima África". E neste ano, no mês de outubro, em Roma, o tema central foi o papel das cidades em seus desafios no que se refere à paz, a economia e ao meioambiente.

Qual a importância dessas Jornadas para a aproximação no contexto da interdependência?

Os debates da primeira Jornada, em 2003, já sustentavam que a era da independência parecia ultrapas-sada. A independência dos Estados-nações, que servia para garantir liberdade e segurança, hoje não é mais suficiente. O modelo da independência está superado. Ou somos todos livres, ou ninguém será livre. Ou fazemos circular os bens entre todos, ou não haverá verdadeira justiça, verdadeira liberdade, e conseqüentemente não haverá também segurança internacional.

As Jornadas da Interdependência chamam a atenção para um dos principais desafios do mundo de hoje que é o da interdependência e da integração. É o desafio de "organizar o bem", favorecendo e trabalhando para a integração das culturas, das crenças e dos povos.

A mensagem das Jornadas é simples. É preciso formar hoje o cidadão "global", consciente da realidade de interdependência que o circunda, e que, com suas virtudes cívicas, esteja preparado para construir uma sociedade civil global capaz de limitar, por um lado, os extremismos do fanatismo religioso e étnico, e por outro, os extremismos do capita-lismo desenfreado.

Não queremos dizer somente "não" à guerra. Queremos dizer "sim" à interdependência fraterna, à integração e ao diálogo entre culturas e povos. Eis, portanto, o desafio que temos diante de nós: tomar consciência da nossa realidade interdependente e passar à integração, para despertar a aurora de um mundo mais igual, mais livre e mais fraterno para todos.

Os artigos desta seção podem ser reproduzidos parcial ou totalmente desde que sejam citados a fonte e o autor. Imagens: só com autorização escrita da Editora Cidade Nova

Envie sua opinião sobre qualquer matéria desta edição.

- Nome:
- E-mail:
- Cidade: Estado

0 de 400
Caracteres

Enviar